

UM HOMEM
DE SORTE



Nicholas Sparks

UM HOMEM DE SORTE



Tradução
Marsely De Marco Martins Dantas



Para Jamie Raab e Dennis Dalrymple

Um ano para ficar na memória...
e um ano para ser esquecido.
Estou com vocês em pensamento.

Agradecimentos



E escrever nunca é um esforço solitário e, como sempre, há muitas pessoas a quem devo agradecer a energia e habilidade dispensadas na conclusão deste romance. É claro que há muitas maneiras de homenageá-las por seu empenho, portanto pensei em formas diferentes de dizer obrigado — pelo menos de acordo com a lista que pesquisei no Google antes de escrever. (Você conseguiria nomear todas as línguas de cabeça sem pesquisar antes?)

Meu primeiro agradecimento, obviamente, vai para minha esposa, Cathy. Mais do que tudo, ela me mantém centrado e focado em todas as coisas da vida que realmente são importantes. Digo a meus filhos que eles se dariam muito bem casando com uma mulher parecida com ela. *Thank you!*

Em seguida, agradeço a meus filhos: Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah, todos imortalizados (de uma forma bem pequena) por darem nomes aos personagens de meus romances anteriores. Receber seus abraços é receber o maior presente de todos. *Muchas gracias!*

Quem vem agora? Minha agente literária, Theresa Park, que sempre merece minha gratidão. A relação agente/autor pode nos pregar peças às vezes — pelo menos foi o que ouvi sobre outros agentes e autores. Com toda a honestidade, para mim tem sido fantástico e maravilhoso trabalhar com a Theresa desde a primeira vez que nos falamos ao telefone, em 1995. Ela é a melhor; não é apenas inteligente, mas também tem paciência, foi abençoada com uma dose de bom senso a mais do que a maioria das pessoas que conheço. *Danke schön!*

Denise DiNovi, minha amiga e parceira nos projetos de cinema, é mais uma bênção em minha vida. Produziu três dos meus filmes, incluindo: *Noites de tormenta*, *As palavras que nunca te direi* e *Um amor para recordar* — o que faz de mim um dos autores mais afortunados do mundo. *Merci beaucoup!*

David Young, o fabuloso CEO da Grand Rapid Publishing, por todo seu apoio. Tenho muita sorte em trabalhar com ele. *Arigato gozaimasu!*

Jennifer Romanello, relações públicas e amiga, transformou a publicidade em uma experiência infinitamente interessante nos últimos treze anos. *Grazie!*

Edna Farley, a amiga que cuida do telefone, organiza quase tudo — e cuida de qualquer problema que surge quando viajo a trabalho. Ela não é somente fantástica, mas também possui um otimismo sem fim, algo que guardo em meu coração. *Tapadh leibh!*

Howie Sanders, meu agente cinematográfico, é outro membro do clube “trabalho com o autor há muito tempo”. E minha vida é melhor por isso. *Toda raba!*

Keya Khayatian, também meu agente cinematográfico, é maravilhoso e sempre generoso com o tempo que tem a dispor; *Merci!* Ou, se preferir, *Mamnoon!*

Harvey-Jane Kowal e Sona Vogel, minhas editoras, são incrivelmente pacientes, considerando que estou sempre atrasado com os prazos de entrega. Elas têm de corrigir todos os errinhos dos meus romances (tudo bem, alguns erros bem grandes, às vezes) e, infelizmente, poucas vezes dou a elas tempo suficiente para isso. Portanto, se você encontrar algum erro (e pode ser que encontre), não as culpe. Culpe a mim. Elas são fantásticas no que fazem. Para vocês duas: *Spasibo!*

Scott Schimmer, meu advogado, é uma dessas pessoas em defesa das quais franzimos a testa ao ouvir piadas sobre advogados. Ele é uma ótima pessoa e um amigo ainda melhor. *Liels paldies!*

Muito obrigado também a Marty Bowen, Courtney Valenti, Abby Koons, Lynn Harris e Mark Johnson. *Efharisto Poli!*

Alice Arthur, minha fotógrafa, está sempre pronta para o que der e vier e tira fotos fantásticas, por isso sou sempre grato. *Toa chie!* Ou *Xie xie!*

Flag elaborou uma capa maravilhosa novamente. *Shukran gazilan!*

Tom McLaughlin, o diretor da Epiphany School, uma escola que minha esposa e eu ajudamos a fundar e que tem transformado minha vida em plena e rica desde que começamos a trabalhar juntos. *Obrigado!*

E, finalmente, David Simpson, meu amigo, treinador da escola New Bern High — *Mahalo nui loa!*

P.S. As línguas usadas foram: inglês, espanhol, alemão, francês, japonês, italiano, escocês, gaélico-escocês, hebraico, farsi, russo, grego, chinês, árabe, português e havaiano, pelo menos de acordo com o *site* que encontrei na internet. Mas quem acredita em tudo que encontra lá?

UM HOMEM
DE SORTE



Capítulo 1



Clayton e Thibault

O policial Keith Clayton não os ouviu se aproximar e, de perto, suas aparências eram ainda piores do que quando os vira pela primeira vez. Incluindo o cachorro. Não era muito fã de pastor-alemão e aquele, embora permanecesse tranquilo, fazia-o lembrar de Panther, o cão policial que era parceiro do policial Kenny Moore em suas rondas e que estava sempre pronto para morder os suspeitos na virilha ao primeiro comando. Achava Moore um idiota a maior parte do tempo, mas, mesmo assim, ele era o mais próximo de um amigo que Clayton tinha no departamento, e precisava admitir que Moore possuía um jeito especial de contar suas histórias sobre as mordidas nas virilhas, histórias que faziam Clayton morrer de rir. E com certeza Moore teria gostado da pequena festinha de nudismo que Clayton havia acabado de interromper, depois de espiar duas alunas no auge da sua juventude tomando sol à beira do riacho. Ele só estava lá por alguns minutos e havia tirado apenas algumas fotografias quando viu uma terceira garota surgir por detrás das hortênsias. Depois de esconder rapidamente a câmera no meio dos arbustos, deu um passo adiante e, logo em seguida, estava frente a frente com a estudante.

— Muito bem, o que está acontecendo por aqui? — perguntou de forma a deixá-la na defensiva.

Não havia gostado de ter sido pego com a boca na botija, nem tinha ficado satisfeito com a forma com que iniciou a conversa. Geralmente, conseguia ter um tom mais delicado. Muito mais delicado. Ainda bem que a garota estava envergonhada demais para perceber qualquer coisa e quase tropeçou ao tentar recuar. Gaguejou uma tentativa de resposta enquanto tentava se cobrir com as mãos. Era como observar alguém jogar Twister¹ com o próprio corpo.

Ele não fez esforço algum para desviar o olhar. Em vez disso, sorriu, fingindo nem notar o corpo nu dela, como se encontrasse mulheres nuas no meio da mata o tempo todo. Agora tinha certeza absoluta de que ela nem imaginava que ele estava tirando fotos.

— Acalme-se. O que está acontecendo?

Ele sabia muito bem o que estava acontecendo. Acontecia de vez em quando, em quase todo o verão, principalmente em agosto: alunas da escola Chapel Hill ou da NC State vinham para a praia em uma última tentativa de um fim de semana prolongado na ilha Emerald, antes do início do período letivo no outono. Sempre desviavam por uma velha estrada esburacada e seguiam por pouco mais de um quilômetro e meio até o parque nacional antes de chegar ao ponto em que o rio Swan fazia uma curva ríspida em direção ao rio South. Havia uma praia de cascalhos por lá, que era famosa pelo nudismo — como isso tinha acontecido, ele não fazia a menor ideia — e Clayton sempre dava um jeito de passar por lá para ver se tinha sorte. Duas semanas anteriores, ele tinha visto seis gatas, porém, hoje, havia três, e as duas que estavam deitadas na toalha já estavam procurando suas camisetas. Apesar de uma delas ser meio gordinha, as outras duas — incluindo a morena que estava a sua frente — tinham o tipo de corpo que levava os rapazes à loucura. Até mesmo os policiais.

— A gente não sabia que tinha alguém aqui. Pensávamos que não havia problema.

1. *Twister* é um jogo de habilidades físicas desenvolvido pela Hasbro. (N.T.)

Ela tinha um olhar tão inocente que o fazia pensar se “papai não ficaria orgulhoso se soubesse o que sua garotinha estava aprontando?” Ele se divertia ao imaginar que resposta ela daria, mas, como estava de uniforme, sabia que tinha de dizer algo oficial. Além do mais, sabia que estava brincando com a sorte, se o xerife ficasse sabendo que ele estava patrulhando a área, não haveria mais alunas por lá no futuro, e isso era algo que ele nem queria levar em consideração.

— Vamos falar com as suas amigas.

Ele foi com ela até a praia, observando-a sem sucesso tentar esconder a parte de trás de seu corpo, divertindo-se com o showzinho. Assim que saíram da mata e chegaram à clareira do rio, suas amigas já tinham vestido camisetas. A morena foi correndo para junto das amigas e rapidamente pegou sua toalha, derrubando algumas latas de cerveja pelo caminho. Clayton apontou para uma árvore que estava próxima.

— Vocês não viram a placa?

Na mesma hora, todas viraram para a direção da árvore. “As pessoas eram ovelhas, sempre esperando a próxima ordem”, ele pensou. A placa, pequena e parcialmente escondida pelos galhos baixos de um velho carvalho, tinha sido colocada por ordem do juiz Kendrick Clayton, que por ventura era seu tio. A ideia da placa tinha sido de Keith, pois ele sabia que a proibição só aumentaria ainda mais a atração pelo lugar.

— Nós não vimos! — disse a morena, virando-se para ele. — Não sabíamos. Só ficamos sabendo desse lugar há alguns dias! — ela continuou protestando enquanto brigava com a toalha. As outras estavam assustadas demais para fazer qualquer coisa que não fosse colocar a parte de baixo do biquíni. — Foi a primeira vez que viemos aqui!

Sua voz se assemelhava a um choramingo, parecendo uma garota mimada. O que provavelmente todas eram. Elas tinham cara disso.

— Vocês sabiam que nudismo público é contravenção nesta cidade?

Dava para ver seus rostos jovens ficarem cada vez mais pálidos, sabendo que estavam imaginando essa pequena transgressão em suas fichas. Engraçado de se ver, mas ele lembrou que não poderia ir tão longe.

— Qual o seu nome?

— Amy — a morena engoliu em seco. — Amy White.

— De onde você é?

— Chapel Hill. Mas sou de Charlotte.

— Estou vendo algumas bebidas alcoólicas. Vocês já têm 21 anos?

Pela primeira vez as outras também responderam. — Sim, senhor.

— Está bem, Amy. Vou dizer o que farei. Vou acreditar na sua palavra de que vocês não viram a placa e de que vocês têm idade para beber legalmente, então não vou fazer muito alarde com o fato. Fingirei que nem estive aqui. Mas vocês têm de prometer que não contarão ao meu chefe que liberei vocês três.

Elas não sabiam ao certo se acreditavam nele.

— Sérioo?

— Sérioo. Também já estive na faculdade um dia — ele nunca esteve, mas sabia que soava bem. — E é bom colocarem suas roupas. Nunca se sabe, pode ter alguém espreitando por aí — ele sorriu. — Joguem fora todas essas latas de cerveja, está bem?

— Sim, senhor.

— Obrigado — e virou-se para ir embora.

— Só isso?

Voltou-se para elas e sorriu novamente. — Só isso, então, se cuidem.

Clayton afastou os arbustos, abaixando-se diante de um ou outro galho no caminho de volta para o carro, considerando que tinha dado conta do recado muito bem. Muito bem mesmo. Na verdade, Amy tinha até sorrido para ele, e, ao partir, passou pela sua cabeça a ideia de voltar e pedir o número de telefone dela. Mas não, pensou melhor, talvez fosse melhor deixar aquilo para lá. Era mais do que provável que, ao retornarem, contariam a suas amigas que, mesmo sendo pegas pelo xerife, nada havia acontecido a elas e então o boato de que os policiais da região eram legais se espalharia. Mesmo assim, ao caminhar pela mata, tinha esperança de que as fotografias tivessem ficado boas. Elas seriam um ótimo acréscimo a sua coleção.

No geral, tinha sido um dia excelente. Ele ia pegar a câmera fotográfica quando ouviu um assobio. Seguiu o som que vinha da estrada e viu um estranho com um cachorro, caminhando vagarosamente, com uma aparência de *hippie* dos anos 1960.

O estranho não estava com as garotas. Disso Clayton tinha certeza. Primeiro, ele era velho demais para estar na faculdade, devia ter quase 30 anos. Seu cabelo comprido parecia um ninho de rato, na opinião de Clayton, e, nas costas do estranho, dava para ver que havia um saco de dormir saindo para fora da mochila. Não se tratava de um banhista indo para a praia; o cara tinha a aparência de quem estava fazendo caminhada, talvez até mesmo acampando. Não dava para saber há quanto tempo ele estava ali ou o que tinha visto.

“Como Clayton tirando fotografias?”

De jeito nenhum. Não era possível. De onde estava não dava para ter visão pela estrada principal, os arbustos eram espessos, e ele teria ouvido alguém andando pela mata. Certo? Mesmo assim, era um lugar estranho para caminhar. Eles estavam no meio do nada, e a última coisa que ele queria era um bando de *hippies* fracassados estragando o ponto de referência das estudantes.

Enquanto pensava nisso, o estranho passou por ele. Estava perto do carro da polícia e ia em direção ao jipe das garotas. Clayton foi em direção à estrada e pigarreou. O estranho e o cachorro se viraram após ouvirem o som.

De longe, Clayton continuou a analisá-los. O estranho não pareceu se abalar com a presença súbita do policial, assim como o cão, mas havia algo no olhar daquele homem que deixava Clayton desconfortável. Como se ele quase estivesse esperando a presença de Clayton. O mesmo ocorria com o pastor-alemão. Ele tinha uma expressão distraída e desconfiada ao mesmo tempo, quase inteligente, bem parecida com a expressão de Panther antes de Moore soltá-lo. Sentiu seu estômago se remexer. Esforçou-se para não cobrir instintivamente suas partes íntimas.

Ficaram encarando um ao outro por um bom tempo. Há tempos Clayton havia aprendido que sua farda intimidava a maioria das pessoas. Todos, até

mesmo os inocentes, ficavam nervosos diante da lei e das autoridades, e não seria diferente com aquele homem, acreditava ele. Essa era uma das razões pelas quais adorava ser policial.

— Você não tem uma coleira para o seu cão? — disse, fazendo parecer mais uma ordem do que uma pergunta.

— Está na minha mochila.

Clayton não conseguiu perceber sotaque algum. Como diria sua mãe, “inglês de Johnny Carson”. — Coloque-a.

— Não se preocupe. Ele só se move ao meu comando.

— Coloque-a mesmo assim.

O estranho pegou sua mochila e começou a procurar a coleira. Clayton esticou o pescoço na esperança de perceber qualquer coisa parecida com drogas ou armas. Um pouco depois, a coleira estava em volta do pescoço do cachorro, e o estranho olhou para Clayton com cara de quem estava dizendo “e agora?”

— O que você está fazendo aqui? — Clayton perguntou.

— Caminhando.

— Essa mochila é muito grande para quem está caminhando.

O estranho não disse nada.

— Ou talvez você estivesse se escondendo por aí, tentando admirar a vista?

— É isso o que as pessoas fazem quando vêm aqui?

Clayton não gostou do seu tom, ou do que estava implícito nele. — Gostaria de ver seus documentos.

O estranho se abaixou e procurou seu passaporte na mochila. Fez um sinal com a palma da mão para que o cachorro ficasse onde estava, e aproximou-se de Clayton para entregar-lhe o documento.

— Você não tem carteira de motorista?

— Não.

Clayton analisou o nome, movendo os lábios lentamente. — Logan Thibault?

O estranho concordou com a cabeça.

— De onde você é?

— Do Colorado.

— Viagem bem longa.

O estranho não disse nada.

— Está indo para algum lugar específico?

— Estou indo para Arden.

— O que tem em Arden?

— Não sei. Ainda não fui lá.

Clayton franziu a testa diante da resposta. Astuta demais? Desafiadora demais? Qualquer coisa demais? Tanto faz. De repente, ele já sabia que não gostava daquele cara. — Você não se importa se eu der uma verificada nos seus documentos, não é?

— Fique à vontade.

Ao voltar para o carro, deu uma olhada para trás e viu Thibault pegar uma tigelinha em sua mochila e colocar um pouco de água nela. Como se não tivesse preocupação alguma no mundo.

“Isso vamos descobrir, não vamos?”

No carro, Clayton passou o nome pelo rádio, soletrando-o antes de ser interrompido pela atendente.

— É Thibault, como Tibô, não Thibault. É francês.

— E eu lá me importo com a pronúncia?

— Só estava falando...

— Tanto faz, Marge. Só verifique para mim, está bem?

— Ele tem cara de francês?

— E eu lá sei como é que um francês se parece?

— Só estou curiosa. Não precisa ficar nervosinho. Estou meio ocupada aqui.

Ah, tá. “Superocupada”, pensou Clayton. Muito provavelmente, comendo *donuts*. Marge mandava ver pelo menos uma dúzia deles por dia. Ela devia pesar uns 150 quilos.

Pela janela do carro dava para ver o estranho acariciar o cachorro, conversando baixinho com ele enquanto bebia água. Balançou a cabeça.

Conversar com animais. Coisa de louco. Como se o cão entendesse qualquer coisa que não fosse um comando básico. Sua ex-mulher também tinha esse hábito. Ela tratava animais como se fossem pessoas, o que devia ter servido de aviso para ter ficado longe dela logo de cara.

— Não encontro nada de errado — disse Marge. Parecia que ela estava mastigando alguma coisa. — Não vejo nada de excepcional.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza. Sei bem como fazer meu trabalho.

Como se parecesse estar ouvindo a conversa, o estranho recolheu a tigela de água e depois colocou a mochila de volta nos ombros.

— Houve algum chamado fora do comum? Reclamações de vadiagem ou algo do tipo?

— Não, foi uma manhã tranquila. E, falando nisso, por onde você anda? Seu pai está atrás de você.

Clayton era filho do xerife da região.

— Diga a ele que daqui a pouco eu volto.

— Ele está bravo.

— Apenas diga a ele que estou fazendo minha ronda, está bem?

“Assim ele fica sabendo que estou trabalhando”, pensou, mas não se preocupou em dizer.

— Eu falo.

Melhor assim.

— Preciso ir agora.

Colocou o rádio de volta no lugar, mas não saiu da sua posição, sentindo um leve desapontamento. Teria sido engraçado ver como o cara iria encarar uma prisão, com aquele cabelo de menina e tudo mais. Os irmãos Landry iam fazer as honras da casa para ele. Eram clientes habituais da cadeia aos sábados à noite: bêbados e arruaceiros, sempre metidos em brigas, na maioria das vezes um contra o outro. Exceto quando estavam presos. Nessas horas, resolviam provocar outras pessoas.

Segurou a maçaneta. E qual seria o motivo de seu pai estar bravo dessa vez? Isso era irritante. Faça isso. Faça aquilo. Já preencheu a papelada?

Por que está atrasado? Por onde andou? A maior parte do tempo tinha vontade de mandar seu velho cuidar da sua própria vida maldita. O velhote ainda tinha a ilusão de que era o mandachuva por lá.

Não tinha problema. Uma hora ele ia acabar descobrindo. Agora era hora de se livrar do *hippie* fracassado antes de as garotas saírem. Lá era para ser um lugar particular, certo? *Hippies* malucos podem acabar com tudo.

Clayton saiu do carro e fechou a porta. O cachorro inclinou a cabeça ao vê-lo se aproximando. Ele devolveu o passaporte.

— Sinto muito pelo inconveniente, Sr. Thibault — dessa vez, ele carregou na pronúncia de propósito. — Só estou fazendo meu trabalho. A menos, claro, que o senhor tenha drogas ou armas na sua mochila.

— Não tenho.

— O senhor se importa se eu mesmo vir?

— Nem um pouco. Mesmo com a Constituição do meu lado, de acordo com a quarta emenda.

— Dá para ver seu saco de dormir. Esteve acampando?

— Estive na cidade de Burke, ontem à noite.

Clayton analisou o homem, pensando no que responder.

— Não há muitos acampamentos por lá.

Thibault não disse nada.

Foi Clayton quem desviou o olhar. — É melhor deixar o cachorro preso à coleira.

— Não acho que há uma legislação sobre isso nesta região.

— Não há. É para a segurança do próprio cão. Muitos carros transitam pela avenida principal.

— Não vou me esquecer disso.

— Então, está bem — Clayton virou-se antes de fazer mais uma pausa. — Se não se importar com a minha pergunta, há quanto tempo está por aqui?

— Só estava passando. Por quê?

Algo na maneira como ele respondeu deixou Clayton pensando e ele hesitou antes de lembrar a si mesmo, novamente, que não havia como o cara saber o que ele estava aprontando. — Por nada.

— Posso ir?

— Sim, pode.

Clayton observou o estranho e seu cachorro começarem a caminhar pela estrada e entrarem em uma pequena trilha que levava à mata. Quando ele sumiu de vista, Clayton voltou ao seu ponto de observação original para procurar pela máquina fotográfica. Enfiou os braços nos arbustos, chutou as pinhas secas e fez o mesmo caminho várias vezes para ter certeza de que estava no lugar certo. Finalmente, ajoelhou-se, começando a sentir o pânico tomar conta de si. A câmera pertencia ao departamento de polícia. Ele só a “pegava emprestada” para essas saídas especiais, e seu pai ia fazer muitas perguntas se a câmera se perdesse. Pior ainda se fosse achada repleta de fotos de mulheres nuas. Seu pai era muito rigoroso quando se tratava de protocolo e responsabilidade.

Enquanto pensava nisso, algum tempo se passou e ele ouviu um ronco de motor ao longe. Supôs que eram as alunas indo embora. Por um breve momento, pensou o que elas iam imaginar ao ver o carro da polícia ainda por lá. Tinha outras preocupações em sua mente.

A máquina fotográfica tinha sumido.

Sumido não. Evaporado. E a maldita coisa certamente não tinha saído de lá com os próprios pés. Também não havia como as garotas terem encontrado a máquina. O que significava que Thibault tinha brincado com ele o tempo todo. Thibault. Brincou. Com ele. Inacreditável. Ele sabia que o cara estava agindo de uma forma descontraída demais, de uma forma muito “eu sei o que você fez no verão passado”.

De forma alguma ele ia se safar dessa. Nenhum *hippie* maluco, fedido, que fala com animais ia se dar bem em cima de Keith Clayton. Não nesta vida.

Afastou os arbustos e foi em direção à estrada, achando que alcançaria Logan Thibault e olharia bem nos olhos dele. E isso seria só para começar. Faria muito mais em seguida; com certeza muito mais. O cara tirou uma com a cara dele? Isso era inconcebível. Não nesta cidade. Ele não estava nem aí para o cachorro também. O cachorro não vai gostar? Adeus, cachorrinho!

Simple assim. Pastores-alemães são armas — não havia um tribunal no mundo que não desse razão a ele.

Uma coisa de cada vez. Primeiro encontrar Thibault. Recuperar a câmera. Depois decidir o que fazer em seguida.

Foi então que, ao aproximar-se de seu carro, percebeu que seus dois pneus traseiros estavam murchos.



— Como é mesmo seu nome?

Thibault sentou-se no assento dianteiro do jipe um pouco depois, falando sobre a força do vento. — Logan Thibault. E este é Zeus.

Zeus estava na traseira do jipe, de língua para fora, focinho empinado para o vento, e o jipe partindo em direção à autoestrada.

— Belo cão. Eu sou Amy. Essas são Jennifer e Lori.

Thibault olhou por cima dos ombros. — Oi.

— Oi.

Elas pareciam dispersas. Não era de se surpreender, pensou Thibault, imaginando o que haviam acabado de passar. — Obrigado pela carona.

— Não é nada. Você disse que ia para Hampton?

— Não é muito longe.

— Fica no caminho.

Depois de ter saído da estrada e cuidado de algumas coisas, Thibault voltou para lá bem na hora em que as garotas estavam partindo. Fez sinal com as mãos de quem precisava de carona, feliz por ter Zeus ao seu lado, e elas pararam quase que imediatamente.

Às vezes as coisas acontecem exatamente como têm de ser.

Apesar de fingir que não, na verdade ele tinha visto as três quando chegaram de manhã — ele havia acampado na beira da praia —, mas deu a elas a privacidade merecida assim que começaram a se despir. Na opinião dele, o que elas estavam fazendo enquadrava-se na categoria do “se não há dolo, não há crime”; não havia mais ninguém além dele, estavam

completamente sozinhos por lá, e ele não tinha intenções de ficar para espiar. E daí se elas tinham tirado a roupa ou mesmo se estivessem usando fantasias extravagantes? Não era da conta de ninguém, e ele pretendia deixar as coisas assim — até ver o policial chegar em um carro do departamento da polícia de Hampton.

Ele deu uma boa olhada no policial pelo espelho retrovisor e percebeu algo de errado em seu olhar. Difícil dizer o que era, mas ele não parou para analisar. Deu meia-volta e, cortando caminho pela mata, chegou em tempo de ver o policial verificando o cartão de memória da sua câmera antes de fechar a porta do seu carro silenciosamente. Viu quando ele se dirigiu sorrateiramente para perto da praia. Thibault sabia muito bem que o policial poderia estar em seu horário oficial de trabalho, mas seu olhar estava mais parecido com o de Zeus quando esperava por um pedaço suculento de carne. Um pouco excitado demais com a coisa toda.

Thibault fez com que Zeus ficasse onde estava, manteve distância suficiente para que o policial não pudesse ouvi-lo, e o restante do plano veio espontaneamente depois disso. Sabia que o confronto direto estava fora de questão — o policial ia dizer que estava coletando provas, e a força da palavra de um estranho contra a sua não teria valor algum. Agressão física também estava fora de questão, principalmente porque causaria mais problemas do que valeria a pena, apesar de que ele ia adorar um corpo a corpo com o cara. Felizmente — ou infelizmente, supôs, dependendo do ponto de vista — a garota apareceu, o policial entrou em pânico, e Thibault viu onde a câmera foi parar. Quando o policial e a garota foram em direção às amigas dela, Thibault pegou a máquina. Ele poderia ter parado por aí, mas o cara tinha de aprender uma lição. Não uma grande lição, só uma lição por meio da qual mantivesse a honra das garotas intacta, permitisse que Thibault continuasse seguindo seu caminho e arruinasse o dia do policial. Foi por isso que voltou e decidiu esvaziar os pneus traseiros do carro de polícia.

— Ah, agora que me lembrei! Achei sua máquina fotográfica perdida na mata.

— Não é minha. Lori ou Jen, alguma de vocês perdeu uma câmera?

As duas balançaram a cabeça negativamente.

— Fiquem com ela mesmo assim — disse Thibault, colocando-a no assento do carro. — E obrigado pela carona.

— Eu já tenho uma câmera.

— Tem certeza? Deve ser muito cara!

— Certeza absoluta.

— Obrigada!

Thibault percebeu as sombras brincando nos contornos de seu rosto, vendo nela uma atração própria das mulheres urbanas, com feições bem marcadas, pele escura, olhos castanhos com reflexos de avelã. Ele podia se imaginar olhando para ela por horas.

— Hei... você tem algum plano para o fim de semana? — perguntou Amy. — Vamos todas para a praia.

— Agradeço o convite, mas não posso.

— Aposto que vai encontrar sua namorada, não vai?

— Por que você diz isso?

— Está na sua cara.

Ele fez um esforço para dar meia-volta e disse:

— Algo do tipo.